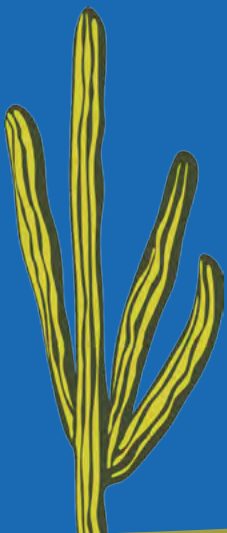




13° CBA CONGRESSO BRASILEIRO DE
AGROECOLOGIA

Agroecologia, Convivência com os Territórios
Brasileiros e Justiça Climática

**CADERNO DE
ACOLHIDA
DO CBA**



15 a 18
DE OUTUBRO

2025

UNIVASF
JUAZEIRO, BAHIA

Ô RETADO.. QUE PROSA A GENTE ENCONTRA POR AQUI?

CBA E JUAZEIRO ENCONTRAM-SE NAS ÁGUAS DO OPARÁ

Se acheque: a prosa começa aqui!	03
Que danado é o CBA?	04
Raízes que a gente firma no chão da Caatinga	07
Agroecologia, Convivência com os Territórios Brasileiros e Justiça Climática	10
Nas margens do São Francisco nasceu a beleza	11
Onde pulsa o coração do Vale do São Francisco	15
Cores do nosso chão	17

DICAS ÚTEIS PARA APROVEITAR O 13º CBA

Espaços e causos	19
Ei peste, prestação aqui!	26
O amanhã que a gente cuida: sementes da nossa agroecologia	29
Deixe de fulerage e cuide de sua saúde	31
Onde ficar de bucho cheio e encher a pança???	35
O cuidar e o cuidado com o Rio Opará	40
Em caso de emergência, não se aperreie não, viu?	42
Mini Glossário Caatingueiro	43
Espie aqui, pra não se perder: Nosso mapa das instalações	45
Anexo cultural caatingueiro	46

SE ACHEGUE: A PROSA COMEÇA AQUI

É com a bênção das águas do Opará - Rio São Francisco - que o 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), em sua primeira edição no Semiárido Brasileiro, dá as boas-vindas caatingueiras aos participantes do CBA 2025. Que os encantos e saberes do território Sertão do São Francisco Baiano seja inspiração para a culminância da construção coletiva de conhecimentos que a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA- Agroecologia) e todos os coletivos que constroem a Agroecologia no Brasil vêm fazendo, durante os dias do Congresso.

Juazeiro nos acolhe à beira do Velho Chico, para que esse encontro, fruto de inúmeras ações e iniciativas territoriais realizadas em todo o Brasil, culmine em diálogos profundos, trocas genuínas e na vigorosa construção de conhecimentos agroecológicos. Aqui, no chão da Universidade Pública Brasileira, a teoria se encontra com a ação para o fortalecimento da Agroecologia como Ciência, Prática e Movimento Social.

Que a experiência da Convivência com os Territórios Brasileiros, destacada em nossa temática, seja vivida em Juazeiro, na Bahia, para além de seus ensinamentos frente à emergência climática. Esperamos que esta edição promova conexões inadiáveis: entre estudantes e pesquisadoras(es), agricultoras(es) e comunidades tradicionais, redes sociotécnicas e movimentos sociais que promovam a Agroecologia e, sobretudo, fortaleçam nossa democracia. Pois, é no respeito à diversidade de vozes e na liberdade da luta que a vida floresce. Sem Democracia não há Agroecologia!

Desejamos um ótimo 13º CBA, nesse chão, riscado pela força do sol e abençoado pela teimosia da Caatinga! Que a energia do Semiárido, em todas as suas cores, sons, cheiros, texturas e sabores nos inspire a trocar saberes, a fortalecer o que lutamos e a plantar, juntas (os/es), a certeza de um amanhã agroecológico.

SEJAM MUITO BEM-VINDAS (OS/ES) AO VALE DO SÃO FRANCISCO!

O QUE DANADO É ESSE CBA?

Quem chega em Juazeiro, à beira do Belo Chico, pode se perguntar: “Que danado de reunião grande é essa que junta gente de todas as bandas pra falar de roça?” Pois bem, o CBA não é apenas um evento que acontece de dois em dois anos. Ele é, na verdade, um movimento constante que tem sua culminância em datas e territórios estratégicos. Desde 2003, o CBA tem sido construído por uma ampla frente de parceiros nacionais e internacionais, trazendo uma ciência pública e cidadã comprometida com a construção dos territórios agroecológicos.

Nascido para valorizar a Agroecologia como ciência, o CBA amadureceu e se tornou um verdadeiro território de diálogo entre diferentes formas de conhecimento. É o espaço onde a gente da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) garante que a diversidade – estudantes, pesquisadores, agricultores, movimentos sociais e povos tradicionais – tenha voz. É um ajuntamento arretado onde se busca respostas coletivas para os desafios sociais, políticos e ambientais do nosso tempo. Então vamos fincar o pé na terra, tocar a lida e sair daqui com a fé renovada na Agroecologia, porque como bem nos diz Gilberto Gil: “Andar com fé eu vou, que a fé não costuma faiá”

Nosso encontro possui três objetivos principais que fazem a roda agroecológica girar, ao promover amplo diálogo, reflexão e articulação que fortalece a Agroecologia enquanto ciência, prática e movimento:

- 1.** Mobilizar processos preparatórios: Promover debates descentralizados nos territórios brasileiros. O CBA começa muito antes, na sua comunidade, na sua horta, na sua universidade, com a construção coletiva de conhecimentos.
- 2.** Promover diálogos: Criar espaços de convergência onde o saber da academia se encontra com a experiência da roça,

em pé de igualdade. É aqui que a gente senta e conversa, sem rodeios, entre diferentes formas de construção do conhecimento agroecológico.

3. Sistematizar conhecimentos: Publicar materiais que subsidiem políticas públicas com a Agroecologia como eixo orientador. A nossa colheita de ideias vira lei para ajudar a construir um futuro ancestral.

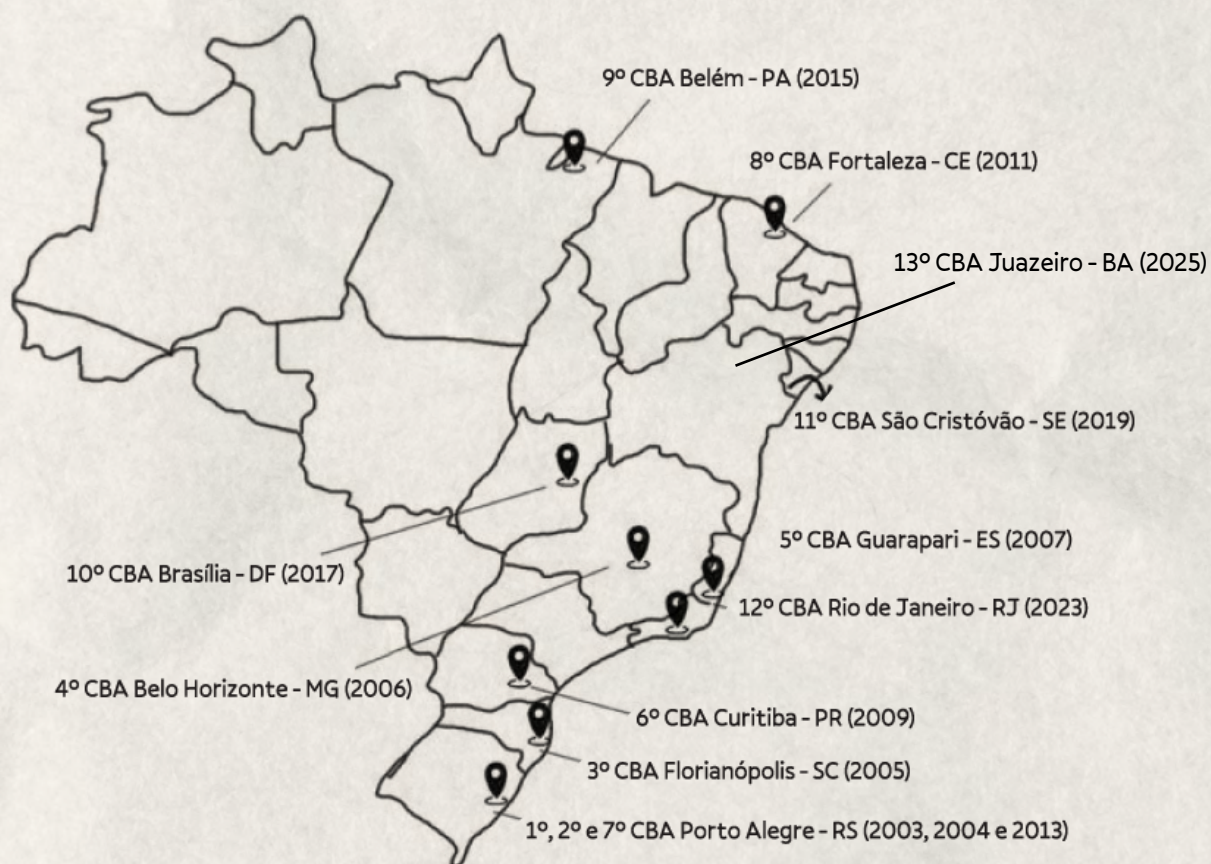
É na fartura da colheita agroecológica que entendemos que a realização do 13º CBA em Juazeiro não termina quando a gente se despede. A nossa peleja histórica é que o CBA se transforme em um catalisador de processos participativos e nos deixe legados duradouros. Assim, o CBA é um evento que tem o poder de promover diferentes realizações no vasto e diverso campo da Agroecologia:

- Fortalecer articulações: Reforçamos os laços entre diferentes redes agroecológicas, territoriais, estaduais e nacionais.
- Promover a visibilidade dos conhecimentos: Criamos oportunidades de divulgar experiências arretadas em todo o país. O conhecimento da roça ganha o mundo!
- Aprimorar políticas públicas: O CBA vira um local de trabalho para frentes de produção de conteúdo sobre leis, regras e outros textos destinados a políticas públicas.
- Conexões internacionais: Fortalecimento de vínculos com redes da América Latina e do mundo, porque a Agroecologia não tem fronteiras.

BORA SE AJUNTAR NESTA LUTA, CHEGUE VÁ!

(Comissão Organizadora do 13º CBA)

Eita, que o sol aqui é brabo, a lida é pesada, mas o peso não nos enverga, porque a força do Opará também habita a Agroecologia! Seguimos essa história garantindo que ela floresça e defenda a vida e a biodiversidade, plantando o futuro em nosso chão, que há de ser verdejante, ecologicamente e socialmente justo.



RAÍZES QUE A GENTE FIRMA NO CHÃO DA CAATINGA

Aqui, onde o sol beija a terra com intensidade e a vida pulsa em cada galho retorcido, o Semiárido nos ensina a arte da permanência. Por muito tempo, essa imensidão foi chamada de “polígono das secas”, um nome que carregava a visão de um problema a ser combatido. Mas o povo sertanejo, com sua sabedoria ancestral, tem nos mostrado outro caminho. A partir dos anos 1990, uma nova semente começou a brotar, regada pela força de agricultoras, agricultores e povos tradicionais. Em vez de combater, aprendemos a conviver!

Essa convivência é a mais pura expressão da Agroecologia na região. É ela que brota dos quintais, dos roçados, das sementes crioulas e do cuidado com a terra e a água. A Agroecologia se organiza em sistemas de produção como o Fundo e Fecho de Pasto, onde o trabalho individual e o coletivo se unem. É uma força que garante não apenas o sustento, mas a soberania alimentar, a justiça hídrica e a proteção dos bens comuns. Trazer a 13ª edição do Congresso Brasileiro de Agroecologia para Juazeiro é uma reverência a essa história. Nosso grande objetivo é poder “beber dessa construção” que transforma territórios e projeta futuros.

É neste chão que o conceito de “convivência” ganha vida e ensinamento. Ao aproximar os participantes das experiências sociais e ecológicas das populações do Semiárido, o 13º CBA celebra um repertório de saberes que, há gerações, constrói alternativas de resistência. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” — a célebre frase de Euclides da Cunha remonta essa resiliência histórica que agora se traduz em princípios da Agroecologia. Reconhecer essa diversidade social e ecológica é um pressuposto fundamental, pois é dela que nascem os caminhos para as transformações necessárias.

A Agroecologia na região se materializa em práticas concretas que promovem a soberania alimentar, a justiça hídrica e a resiliência climática, que não à toa são temáticas do nosso Congresso. Dentre as práticas agroecológicas, três merecem destaque:

- Tecnologias sociais que garantem água: A implementação de mais de um milhão de cisternas e outras tecnologias de captação de água da chuva, como barragens subterrâneas e tanques de pedra, mudou a vida de milhões de famílias, garantindo água para consumo e produção de alimentos.
- Fortalecimento da agricultura familiar e tradicional: Políticas públicas, como os projetos que a Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), tem desenvolvido para apoiar comunidades quilombolas da região, como a de Alagadiço em Juazeiro, a adotarem técnicas agroecológicas, resultando em maior resiliência, conservação de recursos naturais e geração de renda.
- Organização coletiva: A experiência de comunidades tradicionais, como as de fundo e fecho de pasto, exemplifica a gestão compartilhada do território e dos bens comuns, essencial para a resistência frente ao avanço do agronegócio e da mineração.

UMA PONTE ENTRE PASSADO E FUTURO

Queremos que este CBA seja um território de diálogo fértil, onde a Agroecologia não seja apresentada como uma receita pronta. Como nos lembra a vice-presidenta da ABA-Agroecologia, Claudia Schmitt, no segundo episódio da Rádio CBA, que teve como temática “A convivência com o Semiárido”:

A Agroecologia “faz sentido na medida em que ela está enraizada nas experiências das populações que vivem, que trabalham, que constroem esses ambientes como lugares de vida”. Por isso, no Congresso, o saber científico e os saberes populares podem dialogar de forma menos assimétrica na construção das agendas de pesquisa e das soluções para os problemas concretos.

O CBA também funciona como uma ponte entre passado e futuro. Entendemos que cada prática de convivência com o Semiárido carrega uma memória e, ao mesmo tempo, semeia o amanhã. Ao se movimentar no território antes, durante e depois de sua realização, o CBA pretende somar no fortalecimento de uma educação contextualizada, que gera nos jovens o sentimento de pertencimento de “caatingueira e caatingueiro”, ajudando a firmar as raízes que garantirão a continuidade da vida e da luta neste chão.

Aqui na Caatinga, aprendemos que viver não é apenas resistir, mas criar e reinventar. Que o nosso encontro em Juazeiro seja como uma chuva serena, nutrindo as sementes da soberania alimentar, da justiça climática e do Bem Viver.

AGROECOLOGIA é a
CIÊNCIA do POVO!



AGROECOLOGIA, CONVIVÊNCIA COM OS TERRITÓRIOS BRASILEIROS E JUSTIÇA CLIMÁTICA

"Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão.
Meu Deus, meu Deus,
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: 'isso é castigo,
não chove mais não'
Patativa do Assaré

O lamento de Patativa do Assaré, grande poeta popular, repentista brasileiro e porta-voz do povo do Semiárido Nordestino, imortalizado na voz de Luiz Gonzaga, não é apenas um verso antigo, mas o prenúncio da nossa atualidade e o cerne do debate sobre justiça climática.

O que o poeta descrevia como o sofrimento cíclico do sertanejo hoje se espalha por diversos territórios do nosso planeta. O grito do nortista, que se sente vítima de um castigo, traduz a injustiça central da crise climática: a vulnerabilidade desproporcional de quem menos contribuiu para o problema global.

É nesse cenário de urgência que a Agroecologia se impõe como a ciência da vida, a prática resiliente e o movimento político capaz de reverter a lógica do "castigo", contribuindo para a equidade social e a autonomia em nossos territórios. O tema central do 13º CBA não é um adorno, é um diagnóstico e um manifesto! Os alertas sobre as mudanças climáticas, antes distantes, viraram o calor excessivo, a chuva errante e a perda de produção de alimentos no último decênio. O que o CBA traz para o centro do debate é que a Agroecologia não é apenas uma prática, mas um eixo essencial para a promover a justiça climática.

COMEÇO, MEIO E COMEÇO

A semente plantada no 12º CBA, realizado de 20 a 23 de novembro de 2023 no Rio de Janeiro (RJ) com a temática “Agroecologia na Boca do Povo”, floresce agora no coração do Semiárido, em Juazeiro, como um grito por justiça climática.

A garantia do alimento de verdade na mesa, cerne do tema anterior, passa, necessariamente, pela capacidade do povo de conviver com as adversidades de um clima desregulado e de lutar contra os sistemas agroalimentares industriais que nos envenenam. Agora, em Juazeiro, damos um passo maior: a convivência com o território, essa lição de resiliência catingueira, é chave para a adaptação. Além do alimento na boca do povo, precisamos assegurar a saúde do solo que o produz. Se o Rio de Janeiro nos deu a soberania alimentar como pauta central, a Bahia nos convoca a lutar para que essa soberania seja climaticamente justa e duradoura. O sertão afirma: só teremos boca farta se a terra for cuidada e só haverá cuidado se ouvirmos a voz de quem faz a Agroecologia na prática!

O 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia em Juazeiro não fecha os olhos para o cenário que nos cerca. A luta pela justiça climática e a convivência com os territórios é a resposta organizada, popular e científica ao modelo denunciado com coragem na canção “Reis do Agronegócio”, de Carlos Rennó e Chico César:

Ó donos do agrobiz, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimento com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno
E que possuem cada qual um latifúndio
E que destratam e destroem o ambiente
De cada mente de vocês olhei no fundo
E vi o quanto cada um, no fundo, mente

Vocês desterram povaréis ao léu que erram
E não empregam tanta gente como pregam
Vocês não matam nem a fome que há na terra
Nem alimentam tanto a gente como alegam
É o pequeno produtor que nos provê e os
Seus deputados não protegem, como dizem:
Outra mentira de vocês, pinóquios véios
Vocês já viram como tá o seu nariz, heim (...)?

A Agroecologia é, no fim, o nosso canto de recomeço, é “Começo, meio e começo”, como nos presenteou Nego Bispo. O eco de um futuro que já se planta. A nossa resposta para o lamento da seca, legado de Patativa do Assaré, é o trabalho coletivo que faz acontecer o “milagre” clamado pelo sertanejo: a terra se abranda, o solo se refaz e a comida saudável volta à mesa.

O 13º CBA em Juazeiro da Bahia não finda em si. Ele planta a semente das lutas que se renovam junto às águas que correm no Vale do São Francisco, pois assim como o Opará, a Agroecologia teima em seguir firme, nutrindo o sertão e provando, a cada curva de rio e a cada margem, que é na diversidade da Caatinga que a esperança floresce, forte e perpétua, em nome do povo e da Terra. Aqui na Bahia, ressoará em cada canto, cada feira, cada caso e cada prosa que o evento faz movimentar.

“É NO SEMIÁRIDO QUE A VIDA PULSA, É NO SEMIÁRIDO QUE O POVO RESISTE”

REFLORESTA

Gilberto Gil

Manter em pé o que resta não basta
Que alguém vira derrubar o que resta
O jeito é convencer quem devasta
A respeitar a floresta

Manter em pé o que resta não basta
Que a motosserra voraz faz a festa
O jeito é compreender que já basta
E replantar a floresta

Milhões de espécies, plantas e animais
Zumbidos, berros, latidos, tudo mais
Uivos, murmúrios, lamentos ancestrais
Por que não deixamos nosso mundo em paz?

Além do morro, o deserto se alastra
Toda terra, da serra aos confins
O toco oco, casco de Canastra
Onde enterramos saguis

Manter em pé o que resta não basta
Já quase todo o verde se foi
Agora é hora de ser refloresta
Que o coração não destrói

Milhões de espécies, plantas e animais
Zumbidos, berros, latidos, tudo mais
Uivos, murmúrios, lamentos ancestrais
Por que não deixamos nosso mundo em paz?

Manter em pé o que resta não basta
Que alguém vira derrubar o que resta
O jeito é convencer quem devasta
A respeitar a floresta

Manter em pé o que resta não basta
Já quase todo o verde se foi
Agora é hora de ser refloresta
Que o coração não destrói

Que o coração não destrói
Respeitar a floresta
Respeitar a floresta
Replantar a floresta

Que o coração não destrói
E respeitar a floresta
Replantar a floresta
Que o coração não destrói
Que o coração não destrói

NA MARGEM DO SÃO FRANCISCO, NASCEU A BELEZA

Esse território que o CBA pisa!

por Roberto Malvezzi (Gogó)

“Essa terra que a gente pisa é terra de índio
Essa terra é terra de santo,
Terra de negro,
Terra de quilombo”
(Chão Brasileiro)

O rio São Francisco é um caminho que anda. Por ele entrou grande parte da colonização brasileira, através do domínio da Sesmaria dos Dias D’Ávila, que começava na praia do Forte em Salvador e se estendia por 700 léguas em direção ao São Francisco.

Para conquistar esse território, foi preciso fazer guerra aos indígenas que habitavam o Vale, trazer os negros escravizados e fundar fazendas ao longo do rio para criar gado. Por isso, o “Opará” passou a ser chamado de “Rio dos Currais”, “O Rio da Integração Nacional”, o “Nilo Brasileiro”, o “São Francisco”, o “Velho Chico”, e nós o chamamos também de “Belo Chico”, foi navegável por muito tempo até a cidade de Pirapora, em Minas Gerais.

Essa prática das fazendas de criação de gado usadas para abastecer Salvador, então a capital da colônia, criou o costume do “gado solto e das roças presas”, gestando um tipo de ocupação comunitária da terra, o que mais tarde seria chamado de “Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto”. Também permaneceram os territórios quilombolas e indígenas. Esses territórios são a base da agricultura familiar-camponesa dessa região e da Agroecologia adequada ao Semiárido, também chamada de Paradigma da Convivência com o Semiárido.

Ao longo do rio se formou um povo, miscigenado por pessoas indígenas, brancas e negras. Se formou uma cultura musical, poética, plástica, a vida do beradeiro e do caatingueiro. Surgiu a figura do vaqueiro, do coronel, do remeiro, do barqueiro, das carrancas, do Nego D’Água, da Mãe D’Água. E hoje temos cidades como Juazeiro,

criada ao redor de Nossa Senhora das Grotas em 1706, fundada como cidade em 1822. Juazeiro está ligada pelo rio a Petrolina, emancipada como cidade em 1895. Hoje, Petrolina tem mais de 400 mil habitantes, e Juazeiro, cerca de 254 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Seja bem-vinda (o/e) a esse território, hoje com cisternas para beber e produzir, com canteiros produtivos, feiras agroecológicas, todas as tecnologias e saberes socioambientais que mudaram para melhor a vida das pessoas.

A CULTURA ESTARÁ PRESENTE. VOCÊ SE SENTIRÁ EM CASA!

PETROLINA E JUAZEIRO

Geraldo Azevedo

Na margem do São Francisco, nasceu a beleza
E a natureza ela conservou
Jesus abençoou com sua mão divina
Pra não morrer de saudade, vou voltar pra Petrolina

Do outro lado do rio tem uma cidade
Que em minha mocidade eu visitava todo dia
Atravessava a ponte aí que alegria
Chegava em Juazeiro, Juazeiro da Bahia

Hoje eu me lembro que nos tempos de criança
Esquisito era a carranca e o apito do trem
Mas achava lindo quando a ponte levantava
E o vapor passava num gostoso vai e vem

Petrolina, Juazeiro, Juazeiro, Petrolina
Todas duas eu acho uma coisa linda
Eu gosto de Juazeiro e adoro Petrolina

ONDE PULSA O CORAÇÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO

“As prosas de beira rio, que moldam os encantamentos do Vale, me contaram que o Opará ficara um dia triste ao ouvir que suas duas cidades horizonte viviam por aí sendo apontadas como “separadas por uma ponte”. Oxum, mãe dos rios, enxugou suas lágrimas e lhe disse um dia que não ficasse triste não, que tudo quanto era poesia, vivia por aí desaguando no sertão. Mas essa era a mais bonita, porque diferente do que se dizia, não tinha ponte, era poesia, que unia as sertanejas pelas águas do sertão.

Mini cordel encantado, por Eva Vinha

Petrolina e Juazeiro, cidades unidas pelas águas do Velho Chico, avô ancestral do sertão, remontam o passado e o futuro, a luta e a festa, Bahia e Pernambuco. Dois estados arretados que se encontram e se saúdam, celebrando a vida que pulsa forte em mesmo coração, que bate em compassos distintos às margens do rio, que como canta o poeta, faz lembrar de um tempo onde o novo chegava com o estranhamento e a beleza: “Esquisito era a carranca e o apito do trem / Mas achava lindo quando a ponte levantava / E o vapor passava num gostoso vai e vem”.

A carranca guardiã, o trem apressado e o vapor manso no rio, são marcas históricas do Vale do São Francisco e compõem a identidade das cidades-irmãs. O Sertão encontra o rio onde se borda o dia-a-dia das sertanejas e a vida se mistura em travessias: estudantes, trabalhadores, feirantes. Pessoas cruzam a ponte diariamente, provando que a fronteira é apenas um risco no mapa, pois a luta é a mesma, o sotaque é irmão, e a água que irriga os pomares em Pernambuco é a mesma que nutre a terra na Bahia.

A Agroecologia se enraíza aqui como a única ciência capaz de harmonizar a força da natureza e a necessidade do povo, garantindo a fartura sem maltratar o Rio e o Sertão.

Realizar o CBA na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), em Juazeiro, é uma oportunidade de construir coletivamente a Agroecologia no Semiárido. É um convite para que pesquisadores, agricultores e ativistas de todo o Brasil dialoguem com os saberes que emergem desse território, onde a Agroecologia é uma ferramenta enraizada na cultura, na memória e na luta por futuros mais justos e sustentáveis. Diante dos desafios da justiça climática, Petrolina e Juazeiro abraçam e apresentam experiências no Congresso e oferecem lições valiosas de como a Agroecologia, enquanto ciência, prática e movimento, pode construir alternativas reais, promovendo a autonomia, a dignidade e o Bem Viver em harmonia com os territórios brasileiros.

Petrolina e Juazeiro são a poesia que se escreve nas águas e canção que nunca termina. Elas abraçam essa edição do CBA em nome do Vale do São Francisco, construído no esforço dos seus povos, na leveza de suas águas, em suas poesias e músicas. Todas duas sertanejas, netas ancestrais do Velho Chico, como diz a canção: “Eu acho uma coisa linda/ Eu gosto de Juazeiro e adoro Petrolina”.





CORES DO NOSSO CHÃO

A identidade visual do 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia brota da Caatinga. É retrato das raízes e da cultura do Território Sertão do São Francisco, que nos acolhe nesta edição. Cada cor, tom e traço guarda a memória da alquimia sertaneja, de quem aprendeu a bordar a vida no fio do necessário, fazendo do chão seco da Caatinga uma escola de resistência. Essa identidade é fruto de um processo coletivo de colaboração entre a comissão organizadora do evento e o designer William França, artista que há mais de 15 anos se dedica à representação visual do Semiárido.

Apois, bem no centro da nossa arte, ergue-se a carranca, herança das pescadoras/es, do povo ribeirinho, representa a potência das pessoas sertanejas na busca por seus direitos. Simboliza a força dos movimentos e das organizações sociais, as lutas e resistências – seja na convivência com o clima Semiárido, seja contra o capitalismo.

A água nos lembra que, neste chão, cada gota é sagrada. Água é sinônimo de respeito; quando bem utilizada e reutilizada, ela reflete a lição do “bem conviver” com o suficiente. Nossas cores, como as águas claras do Velho Chico, não são apenas beleza, mas a garantia de que a vida segue seu rumo, carregando a esperança para o mar. Os alimentos celebram a cultura alimentar: é a comida de verdade, que dá energia para a lida nos roçados, que guarda a esperança da próxima chuva, que acolhe visitantes e resgata memórias de tempos passados.

Para iluminar e fortalecer essa luta, temos a presença radiante das mulheres. São elas que cultivam a vida, cuidam da saúde da família e dos territórios, aliviam as dores e abrem os caminhos. A jovem

mulher com o cesto de umbu representa a força das comunidades tradicionais, com destaque para o protagonismo feminino e a presença da juventude, que hoje desempenha um papel cada vez mais relevante na construção da Agroecologia. Essas comunidades fazem do extrativismo uma fonte de renda sustentável e, impulsionadas por políticas públicas voltadas à agricultura familiar, estão organizadas em associações e cooperativas ativas no cenário socioprodutivo regional.

A bandeira com a cisterna simboliza a luta histórica dos povos do Semiárido pela implementação de políticas públicas voltadas à convivência com o clima e o território. As cisternas de placas são construídas ao lado das casas para captar e armazenar água da chuva. Assim, a tecnologia social assegura água potável para consumo, nos períodos de estiagem, e saúde para milhares de famílias que habitam a região.

Outros elementos também foram incluídos por sua relevância simbólica para as comunidades rurais, como o caprino, a galinha, os cactos e a arara, representando a rica agrobiodiversidade brasileira. O cesto de mandioca reforça a valorização da comida de verdade, enquanto o maracá — instrumento indígena — contextualiza a presença viva da música, da arte e das expressões culturais que atravessam todo o território.

O Semiárido brasileiro é o mais biodiverso do mundo, um mosaico vibrante de cores, contrastes e belezas, e não a terra seca e pobre que a grande mídia teima em pintar. Este é um lugar de resistência em estado de arte, onde a vida finca raízes profundas e diversas. A identidade visual do 13º CBA quebra esses estereótipos equivocados, reafirmando a riqueza e a potência do território sertanejo. Ela não apenas retrata a convivência com o Semiárido, mas celebra o orgulho visceral de pertencer a este chão. É um retrato visual da força inquebrantável dos povos, de suas lutas históricas e da esperança que sempre brota. É essa mesma força que este Congresso se propõe a celebrar, debater e fortalecer em cada encontro.

ESPAÇOS E CAUSOS

No Semiárido, onde a água é sagrada e o saber tem herança ancestral, a Agroecologia se manifesta em sua tríplice essência: ciência, prática e movimento. Se o chão rachado nos ensina sobre a urgência do fazer, é no campo da Ciência que travamos a luta mais profunda pela justiça climática, contra a hierarquia do conhecimento.

A Agroecologia privilegia o diálogo de saberes e a produção de conhecimento em coletivo. No entanto, esse diálogo é um desafio diário, pois a ciência moderna conquistou o imaginário global como a única via pertinente. Essa postura impõe a verticalidade e silencia a sabedoria ancestral das pessoas e suas comunidades. Para que a ciência agroecológica cumpra seu papel transformador, é preciso, antes de tudo, desconstruir esse imaginário. Pesquisadoras e pesquisadores devem adotar posturas diferenciadas, rompendo com o racismo institucional, com pesquisas financiadas por empresas exploradoras de recursos naturais, e com o privilégio acadêmico.

A ciência da Agroecologia é interdisciplinar e transdisciplinar, forjada na complexidade e no olhar holístico. Ela quebra hierarquias intelectuais, ao passo que preza pelo diálogo intercultural, privilegia conhecimentos contextualizados, compreendendo que a teoria está interconectada com as práticas, filosofias e cosmovisões de diversos povos – indígenas, quilombolas, camponesas, pescadoras – e com movimentos sociais que a reivindicam como um jeito digno de ser, viver e produzir. Portanto, a Agroecologia é uma grande roda de conhecimento onde todas as linguagens, da tradição oral à escrita acadêmica, do manejo no campo ao consumo na cidade, se encontram em equidade. Somente com esse diálogo partilhado é que avançaremos na teorização de pedagogias diversas e garantiremos que o saber brote com a mesma força e diversidade que a vida brota na Caatinga.

Nossa Agroecologia não é de milonga não: ela desce o morro, bebe no rio, senta na roda e vira fartura no prato. É para fazer essa sabedoria girar que o 13º CBA montou sua estrutura! Chega de lorota e vamos nessa conhecer os espaços desse encontro, que foram construídos com muito denego para toda a comunidade presente!

TAPIRIS DE SABERES – DA PALHOÇA RIBEIRINHA AO MARCO ZERO DO CBA

Não é por acaso que os Tapiris de Saberes são o marco zero do CBA. Nesses espaços o conhecimento circula e brota, como a vida que teima em resistir sob o sol. O 13º CBA em Juazeiro reflete a lição da Caatinga: todos os seus espaços são, antes de tudo, territórios pedagógicos. Aqui, a teoria só se completa na experiência e a construção do saber agroecológico é um ato ininterrupto de diálogo.

“Tapiri” é uma palavra do Norte do Brasil, muito conhecida por populações ribeirinhas. O termo significa palhoça, oca, a casa de encontro onde as pessoas se reúnem para descansar e dialogar, e onde os conhecimentos ancestrais são eternizados oralmente dentro das novas gerações. Ao adotar o tapiri como metodologia, a ABA-Agroecologia afirma que a ciência não é um saber meramente acadêmico, mas sim um saber de chão batido, construído em mutirão e partilhado de forma horizontal. Desde sua 9ª edição em 2015 em Belém (PA), os Tapiris de Saberes se consolidaram como espaços que rompem hierarquias, materializando a Agroecologia enquanto ciência em construção, prática coletiva e diálogo profundo.

Nesta edição histórica no Semiárido, o lema “Agroecologia, Convivência com os Territórios Brasileiros e Justiça Climática” pulsa nos Tapiris de Saberes com força total. Cada trabalho, relato ou vídeo apresentado é convidado a discutir como o saber – seja ele acadêmico, técnico ou popular – deve ser um aliado central no enfrentamento à fome e às crises climáticas e na luta contra desigualdades de raça, gênero ou classe.

Os Tapiris também são um convite a experimentar novas formas de apresentação, diferentes das tradicionais (slides e pôsteres). Você vem apresentar trabalho? Depois, busque elementos que traduzam sua experiência ou pesquisa. Pode se valer de fotos, desenhos, símbolos. Já pensou iniciar tua apresentação com um cheiro que possa remeter a tua temática? Olha só que beleza! Bota pra torar na criatividade, viu? O 13º CBA é o espaço de construção de conhecimentos horizontais, que respeita e acolhe todas as formas de expressão. Os Tapiris também são arte!

Eita! Tem uma derradeira prosa importante: os Tapiris são cada bloco de apresentação! Todas as apresentações serão feitas nos Tapiris, organizadas em rodas de conversa de até 8, 12 ou 16 trabalhos aprovados, de acordo com os eixos temáticos do Congresso. Haverá uma pessoa moderadora em cada Tapiri para cuidar do debate e da acolhida de todas as pessoas autoras e coautoras, sendo responsável por conduzir metodologicamente as apresentações. Cada autora(or) ou coautora(or) terá entre 8 e 10 minutos para apresentar seu trabalho. É pouco tempo? Para apresentar, até pode ser, mas isso permitirá um tempo maior para o diálogo e moderação.

Se ainda assim ficar com alguma pulga atrás da orelha, solta a matraca e pergunta às pessoas que estão na monitoria dos Tapiris, responsáveis em deixar tudo nos trinques pra que nosso espaço seja só o filé! Encurtando a prosa, quer saber detalhadamente como as apresentações dos trabalhos estão organizadas? Clique abaixo e não se avexe:

cba.aba-agroecologia.org.br/submissao-de-trabalhos-13-cba

No site, também está o link para a planilha com lista dos ID, Títulos e Autorias de todos os trabalhos aprovados, e a organização deles por EIXO, UNIDADE, SALA, DIA e HORÁRIO das apresentações:

Acesse aqui a programação completa dos Tapiris de Saberes

CONFERÊNCIA DE ABERTURA – AGROECOLOGIA, JUSTIÇA CLIMÁTICA E A CONVIVÊNCIA COM OS TERRITÓRIOS BRASILEIROS

A Conferência de Abertura do 13º CBA não é apenas um marco cerimonial; é o nosso convite inicial para uma reflexão profunda que deve guiar cada debate, Tapiri e roda de conversa. Nesta edição, responde a um duplo e urgente objetivo: firmar a Agroecologia em sua totalidade como ciência, movimento e prática como a ferramenta essencial para a Convivência com os Territórios Brasileiros em toda a sua diversidade, e, ao mesmo tempo, enraizar essa discussão a partir da experiência viva do Semiárido.

A Conferência é também o marco inicial dos Painéis paralelos e das Plenárias, com debates que vão culminar na Conferência de Encerramento. Clique aqui e veja a programação completa do CBA no site.

SE LIGUE NA DATA
E HORÁRIO PRA
NÃO MOSCAR:

DIA 15/10 ÀS 20H!

ATIVIDADES AUTOGESTIONADAS

As Atividades Autogestionadas têm como objetivo engajar participantes, construir conhecimentos a partir dos saberes dos coletivos e valorizar a diversidade de cosmovisões que compõem a Agroecologia. As Autogestionadas são o espaço onde a hierarquia se dissolve e a colaboração se amplia, permitindo que temas do universo da Agroecologia e questões não previstas na programação oficial floresçam livremente.

Dessa forma, o 13º CBA abriu as portas para que participantes, organizações e instituições inscrevam suas próprias propostas de atividades formativas e reflexivas. Um convite direto para a gente desaguar conhecimentos no Velho Chico, enriquecendo o diálogo

e garantindo que o conhecimento agroecológico fortaleça e seja compartilhado por quem o constrói na prática.

Se liga nessas informações importantes aqui, hein?

As atividades autogestionadas irão ocorrer de forma simultânea nos dias 17 e 18 de outubro, no período da tarde, das 14h às 16h. As atividades ocorrerão nos espaços de salas de aula, mini auditórios, tendas e demais espaços do território do CBA identificados para este fim. Todos os locais serão indicados e sinalizados.

CLIQUE AQUI PARA ACESSAR O MAPA DO 13º CBA

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO – PERSPECTIVAS E DESAFIOS DA AGROECOLOGIA EM TEMPOS DE CRISE CLIMÁTICA

A Conferência de Encerramento é o momento de colheita e projeção de futuro. Após dias de profundo diálogo nos Tapiris, de trocas e de reflexão sobre a lição da Convivência de pessoas com diferentes Territórios, é hora de traçar a agenda do campo agroecológico. O tema nos convoca a transformar a ciência, o movimento e a prática em uma plataforma política unificada. Não basta apenas diagnosticar a crise; é preciso consolidar as estratégias de justiça climática e debater os obstáculos que ainda se impõem ao avanço da Agroecologia no Brasil e no mundo. A Conferência de Encerramento nos faz um chamado ao compromisso e a reafirmação com a luta pela Agroecologia enquanto solução mais eficaz para um futuro justo, resiliente e farto.

SE LIGUE NA DATA
E HORÁRIO PRA
NÃO MOSCAR:

DIA 18/10 ÀS 16H30!

FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE E FEIRA SABERES E SABORES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGROECOLOGIA

Nosso Congresso também se constrói na prática da troca e na fartura da mesa. As feiras que compõem a programação são uma celebração à economia solidária e à soberania alimentar. Entre os dias 15 e 18 de outubro, na Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), a Feira de Saberes e Sabores e a Feira da Agrobiodiversidade terão acesso gratuito, convidando a sociedade a vivenciar a Agroecologia.

A Feira Saberes e Sabores da Economia Solidária e Agroecologia será o grande mercado da economia popular camponesa. Contará com barracas para a comercialização da diversidade que brota da agricultura familiar do Semiárido e de todo o Brasil. Paralelamente, a Feira da Agrobiodiversidade, com o Terreiro das Inovações Camponesas e o 7º Encontro Nacional de Agricultoras e Agricultores Experimentadores, será o ponto de encontro para a troca de sementes, mudas e outros elementos da sociobiodiversidade do país e da América Latina, celebrando a riqueza genética do planeta!

E mais, para aumentar o aconchego do 13º CBA, para além da programação diurna na Univasf, as delícias agroecológicas se estendem à noite, na Orla 2 de Juazeiro. Coordenada pela Central das Cooperativas da Caatinga (Central da Caatinga). Ali, uma pequena feira de comidas e bebidas funcionará em horário noturno, paralela às atividades culturais, garantindo que o sabor da Caatinga esteja mais presente em toda a comunidade local.





"Cinema é a arte do ajuntamento".

(Adélia Sampaio)

O cinema há muito tempo é um poderoso espelho e agente de transformação cultural, capturando as crenças, cores, lutas e resistências que formam a rica tapeçaria da América Latina. Pessoas realizadoras latino-americanas historicamente se dedicam a registrar em formato audiovisual a vida de seus povos, expressando suas histórias, lendas e religiosidade de forma autêntica. Para potencializar a difusão dessa produção, o 3º Festival Internacional de Cinema Agroecológico (FICAECO) será realizado nos dias 16 e 17 de outubro de 2025, no Centro Cultural João Gilberto em Juazeiro, Bahia. O Festival se apresenta como uma rica oportunidade de intercâmbio entre profissionais do cinema, pesquisadoras(es) e representantes de povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais. O FICAECO será composto pela Mostra Principal Abya Yala e a Mostra Especial Opará, e concederá o Troféu Ana Primavesi às pessoas homenageadas do Festival.

2º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DA AGROECOLOGIA (FACA)

15 A 18 DE OUTUBRO, DE 21H ÀS 22H;

16 À 18 DE OUTUBRO, DE 12H ÀS 14H

**CHEGA MAIS E VEM
CELEBRAR A
AGROECOLOGIA
NO CHAMEGO
DA CAATINGA!**

A Agroecologia é também canto, dança e poesia. O 2º Festival de Arte e Cultura da Agroecologia (FACA), que acontece de 15 a 18 de outubro, é a prova de que a luta pela terra é indissociável da luta pela cultura. O Festival movimentará a cidade de Juazeiro com o lema "Arte e Cultura para consolidação da Agroecologia, Convivência com os Territórios Brasileiros e Justiça Climática". O FACA construiu a programação cultural do 13º CBA de maneira democrática e transparente, garantindo apresentações diversas, acessíveis e gratuitas. É com muito orgulho que anunciamos que o FACA é uma vitrine para a rica produção artística que nasce nos movimentos sociais e nas comunidades, por meio de cinco linguagens: música; artes cênicas; poéticas visuais; literatura e multilinguagens.

EI PESTE, PRESTENÇÃO AQUI! CUIDADOS e INFORMAÇÕES

Este grande ajuntamento, que bordaremos durante os quatro dias de Congresso, é um momento forte para firmarmos nossas práticas de cuidado entre nós. Viemos para celebrar o coletivo, para zelar pela nossa casa partilhada – o Território Sertão Do São Francisco – e para honrar a comunidade Juazeirense que nos acolhe. A interação com respeito, responsabilidade e afeto com todas as pessoas e seres vivos, e o bom uso do espaço comum, são pilares inegociáveis do nosso bem viver. Por isso, partilhamos alguns cuidados essenciais, colhidos na sabedoria da Caatinga, para construirmos um ambiente saudável e acolhedor para cada um de nós.

Este é o nosso manual de sobrevivência e boa vizinhança para que a sua passagem por Juazeiro seja farta, segura e cheia de respeito por nosso chão.

TEM QUE SE CUIDAR, ABESTADO!

- Beba água que nem camelo: o sol do Semiárido é quente que só a peste! Leve sua garrafinha pra todo canto e beba água de lascar. O calor não perdoa; se sentir tontura, pode ser sinal de que a fonte tá secando. Se ligue!
- Coma que nem gente: nossos alimentos são pura energia da roça. Não se avexe e não se jogue em comida muito pesada de uma vez. Vá com calma, mastigue o que a terra dá e aproveite o sabor da comida de verdade.
- Escolha roupas leves e confortáveis, se possível.
- Segurança e sossego: ande devagar e não se avexe.

OXE, SEGURANÇA E OLHO ABERTO: Juazeiro é acolhedora, mas andar seguro é andar esperto.

- Não dê bobeira: ande em grupo, principalmente à noite. Não fique dando sopa com celular ou carteira na mão em lugar ermo.
- Comunique o perrengue: se precisar de ajuda, se sentir aperreado ou se perder, procure a organização do Congresso. Não se cale feito cacto no sol.
- No transporte, sem muído: se for de táxi ou mototáxi, uber, e afins, prefira os cadastrados. Não vá no vento, não, e certifique-se do destino e do preço antes de entrar no veículo.

LEMBRE-SE: O CALOR DAQUI É DE RACHAR O COCO.

- Passe protetor que nem reza: Sol forte não é brincadeira. Protetor solar é seu escudo. Use boné, chapéu, óculos de sol e procure uma sombra pra prosear nas horas mais quentes do dia (entre 10h e 16h).
- Respeite seu corpo: a maratona de debates é grande. Se sentir o bucho mole ou o corpo pedindo arrego, pare. Descanse, procure nossa Tenda da Saúde, Cuidado e Cura Mães Filinha e Ciana, e lembre-se que o nosso lema é a convivência, inclusive com seus limites.

TRANSPORTES

- A cidade de Juazeiro possui 19 linhas de transporte coletivo por ônibus, operadas por duas empresas distintas. Se programe com tranquilidade e não se atrase. Confira no site os horários atualizados:

onibus.online/ba/juazeiro

- Já Petrolina possui 28 linhas de transporte coletivo por ônibus, operadas por duas empresas distintas. Os horários atualizados estão no site onibus.online/pe/petrolina
- Ambas as cidades dispõem do serviço das empresas UBER e 99 para viagens de carro e de moto (inclusive travessia Petrolina-Juazeiro, e vice-versa).
- Para se locomover de mototaxi, clique no link da bio da página [@centraljuamototaxi](https://www.instagram.com/centraljuamototaxi) e acesse o número da central
- **App Cittamobi: próprio para corridas Petrolina-Juazeiro e Juazeiro-Petrolina.**

VAI SE HOSPEDAR EM PETROLINA? VENHA DE BARCA PARA JUAZEIRO!

- A nossa grande ponte, coração de ferro entre Bahia e Pernambuco, entrou no tempo do descanso e do remendo. Isso mesmo, aquela que habita o Velho Chico de cima, está sendo cuidada para que ela siga firme, nos passos, asfaltos e canções. Por conta desse “detalhe”, o trânsito vira um nó cego, uma doideira só e a correria aperta os desavisados. E agora, lascou pra quem vai se hospedar em Petrolina? Naaaada, prestação no conselho mais sábio do Opará para o 13º CBA:
- Pra fugir desse enguiço e não perder a hora do encontro, deixe o veículo quieto e confie na barquinha! Vá ao balanço da água, que o rio sabe o caminho mais curto, mais fresco e mais gostoso para atravessar o Belo Chico. Como encanta lindamente Josyara, cantora e compositora Juazeirense: “Calor só presta na beira de rio/ Calor só presta na beira de mar”

- Então se ligue nas informações essenciais para aproveitar essa travessia linda e amenizar o calor. Presentão em forma de transporte, hein?
- Calcule bem que horas precisa estar no Congresso para a atividade que quer participar. O trajeto dura cerca de 20 minutos e você deve gastar mais 20 a 30 minutos caminhando até chegar na UNIVASF.
- O valor da passagem da barquinha é de R\$ 5.
- A primeira barquinha sai às 6h da manhã e a última volta às 20h da noite, durante a semana e também no final de semana.

O AMANHÃ QUE AGENTE CUIDA: SEMENTES DA NOSSA AGROECOLOGIA – CUIDAR, BRINCAR e APRENDER na Ciranda Infantil Ana Primavesi

"Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção"

(Lia de Itamaracá)

Queridas famílias e participantes da Ciranda Infantil Ana Primavesi,

“Essa Ciranda não é minha só, ela é de todas nós e de todos nós!” Essa Ciranda carrega consigo um denço danado de bom e para que possamos viver momentos de alegria, cuidado e aprendizado durante o 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia, organizamos algumas orientações importantes:

- Inscrição e identificação: todas as crianças devem estar devidamente inscritas e identificadas com crachá ou pulseira entregue pela equipe. A entrada e saída das crianças só acontecerão mediante o acompanhamento de um responsável previamente cadastrado.

- Alimentação: os lanches oferecidos serão saudáveis, preparados com alimentos da agricultura camponesa e familiar agroecológica, pela Cozinha Agroecológica Dandara dos Palmares. Caso a criança tenha alguma restrição alimentar, pedimos que seja informada à equipe no momento do credenciamento.
- Cuidados pessoais: solicitamos que cada criança traga seus pertences pessoais identificados (garrafinha de água, troca de roupa, fraldas, quando necessário). A equipe terá à disposição kits básicos de higiene, mas o material de uso pessoal é de responsabilidade da família.
- Segurança e acolhimento: o espaço da Ciranda foi planejado para ser seguro, acessível e acolhedor. Ainda assim, reforçamos a importância de manter contato atualizado dos responsáveis para eventuais necessidades.
- Participação nas atividades: as crianças poderão circular entre os diferentes ambientes (brincar livre, arte e expressão, descanso, brinquedoteca e agroecologia). Pedimos às famílias que incentivem a participação respeitando o ritmo, as escolhas e a autonomia de cada criança.
- Respeito e convivência: A Ciranda é um espaço coletivo. O cuidado com os brinquedos, materiais e com as demais crianças é responsabilidade de todas e todos. Incentivamos a cooperação, a escuta e a solidariedade.
- Registro e memória: serão feitos registros fotográficos e audiovisuais das atividades, sempre com o consentimento das famílias. Esses registros terão caráter educativo, cultural e de memória da Ciranda.

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Evento: 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)

Nome do espaço: Ciranda Infantil Ana Primavesi

Data: 16 a 18 de outubro de 2025

Local: Centro de Convivência – Univasf, Campus Juazeiro (BA)

Horário: 8h30 às 17h30 (exceto no dia 16/10), com intervalo do almoço, que será de responsabilidade da família.

Faixa etária atendida: 0 a 12 anos

Inscrições e credenciamento: presencialmente, no estande de credenciamento do Espaço Umbizeiro Multieventos, na Univasf, no dia 15 de outubro, das 8 às 14 horas.

Com estas orientações, buscamos garantir que a Ciranda Infantil Ana Primavesi seja um espaço de alegria, segurança e aprendizado coletivo, onde cada criança possa viver plenamente a experiência da agroecologia.

Comissão Ciranda Infantil Ana Primavesi

DEIXE DE FULERAGE E CUIDE DE SUA SAÚDE – Tenda de Saúde, Cuidado e Cura Mães Filinha e Ciana

A Tenda de Saúde, Cuidado e Cura Mães Filinha e Ciana é amparo, suporte, abrigo, que nasce nessa temporada e ressoa por outros tempos. Nessa Tenda, surge o convite ao encontro e ao envolvimento de congressistas e de entidades, num movimento de trocas, proteção e acolhimento. E é assim, tecendo o cuidado que se sustenta, antes de tudo, nas diversas áreas dos saberes naturais e sobrenaturais, nas riquezas das espécies e nas suas relações simbióticas, na coletividade, na política, no sentir, que caminhamos em união no sentido do bem viver.

Essa Tenda dedicada à saúde e agroecologia funciona ao lado do Espaço Umbuzeiro Multieventos, dentro do campus Juazeiro da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), entre os dias 15 e 18 de outubro. Venha nos visitar!

CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DA TENDA DA SAÚDE, CUIDADO E CURA MÃES FILINHA E CIANA NO SITE DO CBA.

AS HOMENAGEADAS DA TENDA DA SAÚDE, CUIDADO E CURA DO 13º CBA

MÃE FILINHA DE OXUM

Maria Jovelina dos Santos, carinhosamente conhecida como Mãe Filinha de Oxum, nascida em 5 de junho de 1921 em São Raimundo Nonato (PI), chega em Juazeiro (BA) no início da década de 40. Acolheu como seus Lourdes e José, os filhos do casal Mazinho e Vilma Maria.

Após 21 dias de sua “recolhida”, renasce no dia 08 de maio de 1952, como Mona Aimê Itauênim D’Unzanbe. Mãe Filinha recebeu de seu pai de santo o Babalorixá Henrique, sua peneira (os direitos de yalorixá) pelas ordens de Ogum. Fez aproximadamente 200 filhos de santo entre Juazeiro e cidades circunvizinhas. O marco da sua caminhada fez-se de entrega, seriedade e simplicidade, firmando um legado de saber ancestral de grande relevância para construção histórica do bairro do Kidé.*

MÃE CIANA

Ana de Santana Dias, também conhecida como Sinhá Ana ou Mãe Ciana, nasceu em 16 de outubro de 1947, na fazenda Coripós, em Santa Maria da Boa Vista (PE), amparada pelos cuidados da parteira Helena, a Mãe Láíá. Desde cedo, trabalhou na lavoura para ajudar no sustento da família. Aos 21 anos, casou-se com Pedro Dias dos Reis e teve 13

filhos. Tragicamente, um de seus filhos, Domingo Sávio, faleceu aos 13 anos de idade, vítima da picada de uma cobra cascavel.

Mãe Ciana já mostrava indícios de sua mediunidade muito antes de ter contato com a religiosidade que teceria seu destino. Os mais antigos contam que ela teria chorado ainda na barriga de sua mãe, sob a sombra de um centenário tamarineiro, às margens do Rio São Francisco — árvore preservada até hoje. Em Petrolina (PE) encontrou a Mãe Socorro de Ogun, iniciando-se para Iemanjá no ano de 1971. Como seu caminho era o sacerdócio, construiu o barracão de palha às margens do São Francisco, na fazenda Coripós. Passaram e ainda passam por seus cuidados mais de 60 filhos de santo, e a casa encontra-se em plena função até os dias atuais. A Iyalorisá já está chegando aos 80 anos e conta com o apoio do Babakekerê Igor de Ogun, seu neto mais velho, dando suporte e continuidade a esse legado cheio de histórias de superação, sofrimento e alegria do Ilê Asé Yemanjá.

*Trechos retirados do livro Memórias do povo de terreiro: histórias da religiosidade de matriz africana no município de Juazeiro (BA), de Ioná Pereira da Silva.

MÃES FILHINHA E CIANA SÃO MÃES DE UMBIGO

Na cultura popular brasileira, especialmente em territórios quilombolas, as Mães de Umbigo são parteiras tradicionais que trabalham para além da assistência do momento do nascimento de uma criança e de uma mãe: as Mães de Umbigo desempenham diversos papéis voltados a promover saúde e Bem Viver em suas comunidades.

Sendo assim, Mãe de Umbigo abraça a diversidade religiosa, espiritual, práticas de cuidado e de cura. Para a comissão organizadora da Tenda da Saúde deste 13º CBA, a Mãe de Umbigo é o princípio de tudo, a mãe de todas as artes! A grande parteira de todas as formas de viver! Uma guardiã ancestral, a manifestação do cuidado e do amor que dão luz

à vida em sua forma mais plena. Esse termo profundo nos remete à figura que, com a sabedoria das mãos e do coração, não apenas assiste ao parto, maneja, “pare a vida” em sua essência mais ampla.

O ofício da Mãe de Umbigo transcende qualquer outro, pois ele nutre a vida desde sua origem, fortalece os laços que nos unem e perpetua o legado do amor e do cuidado. Ela é a mãe de todas as mães, aquela que nos lembra que a vida é um dom, e que a maior arte é a de nutrir e proteger a todos que estão em sua teia.

Assim, para materializar esse “Ser de Luz” e de bondade, a Tenda de Saúde, Cuidado e Cura desta edição do 13º CBA homenageia duas mulheres, Mãe Filinha e Mãe Ciana, que nos seus territórios, com muita luta e sabedorias de conhecimentos e escriturências, nutrem a teia da vida e do esperar.



QUERENDO ENCHER A PANÇA?? DESCUBRA AQUI ONDE FICAR DE BUCHO CHEI!!!

Cozinha Agroecológica Dandara dos Palmares vai alimentar pessoas e comunidades isentas de inscrição

Pela primeira vez na história do Congresso Brasileiro de Agroecologia, o evento conta com uma cozinha popular e agroecológica organizada coletivamente. Mais do que preparar refeições, essa cozinha é sustentada por uma ampla rede de famílias agricultoras, cooperativas e grupos sociais que constroem a Agroecologia no Semiárido. É também a primeira vez que o CBA se alimenta através do Sistema Participativo de Garantia da Conformidade Orgânica (SPG), realizado pela Rede de Agroecologia Povos da Mata, assegurando que parte dos alimentos servidos sejam livres de agrotóxicos e transgênicos, respeitando o meio ambiente e a vida.

MUITO ALÉM DE REFEIÇÕES

Dandara dos Palmares não alimentava apenas a luta com a espada, mas também com a semente, com o fogo e com a partilha. Sua vivência nos lembra que a resistência floresce também na cozinha, onde mãos coletivas transformam o que a terra oferece em alimento, cuidado e força para o caminhar.

Nos quilombos, cultivar era semear liberdade, colher era celebrar o vínculo com a terra que sustenta, cozinhar era gesto de comunhão, onde cada panela fervia sonhos de futuro e cada alimento temperado carregava o sabor da memória ancestral.

Na coletividade do plantio, na força do mutirão, no canto que acompanha o trabalho, encontramos a essência da Agroecologia: um modo de viver que reconhece a terra como mãe e o alimento como direito. Dandara nos inspira a perceber que cada semente guardada,

cada roçado cuidado e cada refeição partilhada são também atos de resistência e de criação de novos mundos.

Ao evocarmos sua presença, lembramos que a cozinha não é apenas espaço de preparo, mas território político; que a colheita não é apenas abundância, mas afirmação de vida; que o alimento não é apenas sustento, mas caminho para a liberdade.

QUEM SOMOS?

A Cozinha Agroecológica Dandara dos Palmares nasce do encontro entre o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA – Bahia), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST – Bahia e Pernambuco) e a Rede de Agroecologia Povos da Mata. Pela primeira vez, a cozinha central do CBA funciona através de uma gestão coletiva, que une não apenas a produção e o preparo dos alimentos, mas também toda a rede de saberes e práticas que sustentam a vida.

ALIMENTAR COM DIVERSIDADE E CUIDADO

Nossa missão é nutrir o 13º CBA com a força e a diversidade dos povos que cultivam e defendem a vida, agricultoras e agricultores familiares, comunidades indígenas, quilombolas, povos de terreiro e tantas outras comunidades que trazem para nossas mesas alimentos verdadeiros, carregando histórias, culturas e resistências, assim como a Cozinha Agroecológica Dandara dos Palmares, nome destinado a essa cozinha.

O cardápio foi construído com base na sazonalidade da produção local, respeitando os tempos da natureza e valorizando aquilo que o território oferece em abundância. Assim, garantimos uma alimentação equilibrada, saudável e variada, acompanhada por duas nutricionistas que nos apoiam na organização das refeições, assegurando o cuidado com a saúde e o bem-estar de todas e todos.

SUSTENTABILIDADE NO PRATO

Optamos por alimentos da época, que fortalecem a economia local, reduzem a pegada de carbono e chegam até nós mais frescos, sem agrotóxicos e sem transgênicos. A culinária tradicional e os sabores do Semiárido guiam a preparação das refeições, reafirmando o compromisso da Agroecologia com a biodiversidade e com uma alimentação que nutre corpo, mente e território.

QUEM FAZ ACONTECER?

A cozinha é sustentada por cerca de 80 pessoas diretamente e 100 indiretamente envolvidas, que garantem não apenas a organização e a realização do espaço, mas também o fornecimento de alimentos. Os movimentos sociais são parte fundamental desse processo de mapeamento e comercialização da produção de itens como:

- Arroz, colorau, azeite de dendê, mel de abelha, sequilhos, banana-prata, café agroecológico, farinha de mandioca, feijão-cores, queijo de cabra, tilápia, rapadura de banana, palma, doce de umbu, flocão e macarrão de milho não transgênico, bolos de aipim e de milho, doce e castanha de licuri, todos oriundos da Agricultura Familiar.
- Já os itens mamão, melancia, banana-da-terra, alho, alho-poró, cebola, açafrão em pó, tomate, extrato de tomate, folhas de chá, rúcula, couve e demais frutas, verduras, folhas e legumes servidos no cardápio da Cozinha Agroecológica Dandara dos Palmares têm o certificado orgânico pelo sistema participativo de garantia da conformidade orgânica, respeitando o meio ambiente e tornando o alimento orgânico acessível às/aos produtoras/es e consumidoras/es.

Ao todo, os alimentos foram adquiridos de 10 fornecedores centrais, 40 agricultoras/es diretos e 100 produtores indiretos da Bahia,

Pernambuco e Sergipe, somando 72 itens, sendo 25 certificados como orgânicos. Tudo isso fortalece a rede agroecológica, amplia o impacto da agricultura familiar na construção de outro modelo de abastecimento e mostra o potencial que o Vale do São Francisco tem de promover a segurança alimentar e nutricional da população do entorno.

INCLUSÃO E DIVERSIDADE ALIMENTAR

Sabemos que a alimentação é também um espaço de consciência coletiva. Por isso, nossa cozinha oferecerá opções veganas, diversificando o cardápio com alimentos tradicionais da região, preparados sem carne, leite e ovos. Essa escolha reconhece a importância do movimento que luta por uma alimentação livre de exploração animal e reforça a potência dos alimentos vegetais do território, como raízes, frutas, legumes, hortaliças e PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais).

A CIRANDA INFANTIL ANA PRIMAVESI TAMBÉM SE ALIMENTA DE AGROECOLOGIA

As crianças da Ciranda terão uma alimentação pensada com todo carinho. Pela manhã e à tarde serão oferecidos lanches, como bolos, biscoitos, petas, doces e sucos regionais, cheios de sabor e energia. São alimentos simples e vivos, preparados para nutrir e fortalecer os pequenos agroecológicos que também participam do Congresso.

REFEITÓRIO AGROECOLÓGICO MARIA BONITA

O Refeitório Agroecológico Maria Bonita, anexo à Cozinha Agroecológica Dandara dos Palmares, carrega o nome de uma mulher que nasceu no sertão e fez da vida um ato de coragem. Maria Bonita rompeu os limites impostos ao seu tempo e caminhou ao lado

dos que ousaram sonhar liberdade em meio à seca e à opressão. Sua força atravessou gerações e hoje ecoa em cada mulher que enfrenta o mundo com dignidade, esperança e afeto.

Mas, neste espaço, o nome Maria Bonita vai além da figura histórica. Ele homenageia as Marias — e tantas outras — que fazem pulsar a cozinha deste Congresso. Marias que plantam, colhem, lavam, cortam, cozinham e servem com alegria e resistência. Marias que entendem que o alimento não é apenas sustento, mas vínculo, memória e partilha.

Na cozinha, essas Marias transformam o simples ato de preparar a comida em um gesto coletivo de cuidado com a terra e com as pessoas. Cada tempero carrega o saber do campo, cada prato é um convite ao encontro, cada refeição é uma celebração da vida que se renova quando é compartilhada.

Dar o nome de Maria Bonita a este refeitório é afirmar que a beleza está na luta, no trabalho feito em conjunto, na sabedoria que brota da terra e no alimento que nasce do amor e da resistência. É reconhecer que a força das mulheres continua movendo o mundo — das panelas do sertão às cozinhas agroecológicas, onde o futuro se cozinha com o fogo da esperança.

QUEM TEM ACESSO À COZINHA AGROECOLÓGICA DANDARA DOS PALMARES?

A Cozinha Agroecológica do 13º CBA é destinada prioritariamente às pessoas com isenção de inscrição, garantindo diariamente mais de 2.000 refeições por período. Fazem parte desse grupo:

- MOVIMENTOS SOCIAIS são 15 categorias isentas (por edital publicado em 10 de julho de 2025): 80 MST, 80 MPA, 30 MCP, 80 MPP, 25 Povos de terreiro, 200 Povos Indígenas, 20 Quilombolas, 80 Fundo de Pasto, 25 MAM, 80 Teia dos Povos, 20 Povo cigano, 101 EFAS, 100

Acampamento da Juventude, 40 Rede de Agroecologia Povos da Mata e 20 REGA);

- Isenções de equipe: 17 comissões, 60 palestrantes, 200 agricultores/as vinculados a ASA Brasil e 125 da equipe da Rede Ater Nordeste);

- Equipe flutuante de infraestrutura (polícias, bombeiros, equipe de segurança e demais apoios técnicos)

As demais pessoas inscritas no Congresso, assim como acontece em outros eventos acadêmicos, devem se dirigir aos demais pontos de alimentação: Feira, Comedoria e restaurantes parceiros, indicados neste caderno e no site do evento.

BENÇA OPARÁ - NOSSA CORRENTEZA DE SABERES E CUIDADOS

O Opará, nosso amado Velho Chico, é a artéria da vida neste Semiárido, que nos sustenta e nos dá história. Estar em Juazeiro é receber a bênção de suas águas, e com ela vem o dever sagrado de cuidar de quem nos acolhe.

E oxe, dê bobeira não, viu? Se ligue nas ideias caatingueiras de convivência com nosso rio, se não vai dar é ruim pra tu!

MARMININO, O OPARÁ NÃO É LIXEIRA, NÃO VIU?

- O Rio São Francisco é a nossa natureza, nosso ancestral! Não o maltrate. Para todos os/as participantes, vale a regra de quem mora aqui: a água é bênção, não desperdice.

- Lixo não desce a corrente: o rio já sofre demais. Lixo não se joga em suas águas, nem no chão da cidade. Lixo é praga que entope a vida ribeirinha e maltrata quem vive do rio.

- A beira é sagrada: respeite a areia e a vegetação. Onde tem mata ciliar, tem vida protegendo o rio. A gente não maltrata o que nos dá de comer e de beber.

VALEIME, MEU SÃO FRANCISCO: NÃO MOSQUE NA ÁGUA NÃO, HOMI

O leito do Chico é danado e muda a todo momento, esconde segredos e perigos que não se veem de longe. Zulivre de tu passar um perrengue nele!

- Terra alheia, pisa no chão devagar: nunca entre sozinho na água e não se avexe em se aventurar em trechos desconhecidos.
- Se ajeite perto de quem é de casa: se a sede de banho for grande, procure locais seguros, onde a movimentação for constante ou perto de pescadores. O cuidado é o melhor colete salva-vidas no Opará.
- Recomendamos dois lugares gostosinhos pra se banhar e aliviar o calor danado dos dias:
 - Ilha do fogo: Um dos cenários naturais mais emblemáticos do Rio São Francisco, localizada estrategicamente entre as cidades de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE). A ilha encanta pela sua beleza singular, marcada pelo contraste entre o verde exuberante da vegetação nativa e o azul cristalino das águas do Velho Chico. Além do valor paisagístico, é um espaço muito procurado para atividades de lazer, turismo ecológico e contemplação, reforçando sua importância como patrimônio natural e cultural da região.
 - Área dos Caiaques (Arca Sport): Fica na Orla II de Juazeiro, linda paisagem e ótima opção para dar um mergulho ou um passeio de Caiaque!

MAS SE LIGA BEM, ABESTADO: TODOS OS CUIDADOS ANTERIORES CONTINUAM VALENDO NESSES DOIS LUGARES RECOMENDADOS! AI AI, SE LIGUE!

EM CASO DE EMERGÊNCIA, NÃO SE APERREI NÃO, VICE?

O 13 CBA conta com uma equipe de segurança composta por servidores da universidade, reforço da Guarda Municipal de Juazeiro e alguns pontos com segurança privada do evento.

Contaremos como equipe dos bombeiros e atendimento médico para casos de emergências.

Qualquer incidência relacionada à segurança ou qualquer outro tipo de alerta, violação ou preocupação pedimos que procure imediatamente a equipe de produção e infraestrutura que irá conduzir o problema até os órgãos responsáveis.

PEDIMOS QUE COMUNIQUEM PRIMEIRO A PRODUÇÃO GERAL do evento antes de assumirem qualquer posicionamento individual direto com a polícia e os bombeiros para que possam receber o acolhimento, atenção necessária e solucionar mais rápido qualquer intercorrência.

MINI GLOSSÁRIO CAATINGUEIRO

Ô retado: Demonstração de espanto.

Que danado é isso? “O que é isso?”, com um tantinho de exagero.

Causos: Casos contados, histórias, conversas...

Prestenção: Junção nordestina que significa “Preste atenção”!

Fulerage: Coisa sem valor, logo, “Deixe de fulerage” = Dê valor

Bucho chei: Barriga cheia, alimentada.

Pança: Barriga

Aperreie: Do verbo nordestino “aperriar”, que significa: Encher o saco.

Avuada: Fora da realidade, perdida.

Espie aqui: Olha aqui/ Preste atenção.

Se acheque: Venha pra perto.

Brabo: Retado, valente, forte.

Ajuntar: Chegar pra pertin.

Chegue: Venha cá.

Prosa: Conversa.

Arretados: Muito bom, maravilhoso!

Apois: Expressão de concordância.

Milonga: Prosa cumprida, conversa fiada.

Lorota: Conversa besta, sem valor.

Belezura: Jeitinho nordestino de se referir a beleza.

Botar pra torar: Botar pocando, arrebentar a boca do balão, arrasar!

Não se avexe: Fique tranquilo.

Moscar: Ficar de bobeira, dar mole.

Comer mosca: Ato de cometer lerdeza.

Xâmego: Xamêgo é xamêgo, procure saber!

Abestado: Bestaiado, otário, jegue lerdo.

Perrengue: Situação difícil.

Calor de rachar o coco: Sol forte, que pode provocar dor de cabeça.

Prosear: Conversar.

Bucho mole: Indício de fome.

Marminino: Expressão de indignação.

Homi: Nem sempre se refere ao sexo masculino, é utilizado para finalizar uma frase que possui algum tipo de indignação, ou que se quer chamar atenção de uma pessoa em relação a algo.

Zulivre: Junção nordestina que parafraseia uma expressão globalmente conhecida: “ Deus livre”.

ESPIE AQUI, PRA NÃO SE PERDER: O MAPA DO CBA

13° CBA

CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA

Agroecologia, Convivência com os Territórios Brasileiros e Justiça Climática

LEGENDA

- 1 UNIVASF - CAMPUS JUAZEIRO**
Credenciamento, Conferências e painéis, Tapiris de Saberes, Feira da Economia Solidária, Cozinha das Tradições, FACA, Tenda da Saúde, Atividades Autogestionadas, Crenda Infantil, Cozinha Coletiva, Restaurante e Comedor (Av. Antônio C. Magalhães, 510 - Acesso via R. do Paraíso)
- 2 COLÉGIO ESTADUAL RUI BARBOSA**
Tapiris de Saberes e painéis
(Av. Antônio C. Magalhães, s/n) - 250 m
- 3 SEC. DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UNIVASF (SEAD)**
Tapiris de Saberes - (Av. Antônio C. Magalhães, s/n) - 290 m
- 4 COLÉGIO GEO**
Tapiris de Saberes - (Av. Antônio C. Magalhães, 6) - 350 m
- 5 FACULDADE UNIBRAS DE JUAZEIRO**
Tapiris de Saberes - (R. do Paraíso, 800) - 500 m
- 6 CENTRO DE CULTURA JOÃO GILBERTO FICAECO** - (R. José Petttinga, 354 - Santo Antônio) - 750 m
- 7 ARMAZÉM DA CAATINGA:**
- 8 FEIRA AGROECOLÓGICA E ORGÂNICA:**
- 9 VILA BOSSA NOVA (ORLA II):**
- 10 PIER:**
- 11 PALCO OPARÁ:**
- 12 VAPOR SALDANHA MARINHO**
R. Aprígio Duarte - Centro - 1 km
- 13 ATRACADOURO DAS BARQUINHAS**
(Travessa Náutica BA/PE)
R. Rui Barbosa, 402 - Centro - 2,1 km
- 14 CAMPUS 3 - UNEB**
Acampamento das Juventudes Sementes do Sertão
R. Edgar Chastinet, s/n - São Geraldo - 3,6 km
- 15 PONTE PRESIDENTE DUTRA**
Divisa de Estados: BA/PE - 1 km
- 16 ILHA DO FOGO**
Acesso via Ponte Presidente Dutra - 2 km
- 17 PETROLINA-PE**
Acesso via Ponte Presidente Dutra - 2,5 km



15 a 18
DE OUTUBRO
2025

UNIVASF
Juazeiro, Bahia

CBA.ABA-AGROECOLOGIA.ORG.BR



ANEXO CULTURAL CAATINGUEIRO

Artistas do nosso semiárido
que se você não conhece até
hoje, tá muito errado, viu?

Samba de Véio da Ilha do
Massangano
Samba De Véio Da Ilha Do
Massangano | Spotify

Samba di Malê
Instagram

Sérgio do forró
Instagram

João Gilberto
Spotify

Josyara
Mansa Fúria - Album by
Josyara | Spotify

Camila Yasmine
Instagram

Fernanda Luz
Instagram

Ana Júlia
Instagram

Fatel
Fatel | Spotify

Zé Manoel
Do Meu Coração Nu - Album by Zé
Manoel | Spotify

Iván Greg
Instagram

João Gomes
Digo Ou Não Digo - Album by
João Gomes | Spotify

Mariano Carvalho
Spotify

Maviael Melo
Instagram

Cordel e Xilo de Peito
Instagram